

Professores acreditam que estudo será trocado por trabalho, diz pesquisa

(NÃO ASSINADO)

Brasília - "Será uma vida medíocre mesmo." A reação, de uma professora ao ser questionada entre outros pontos sobre o que achava do futuro dos estudantes, traduz uma das constatações do estudo Violência e Convivência nas Escolas. Realizado por pesquisadores da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla), o trabalho aponta que mais de 60% dos docentes entrevistados têm certeza de que seus alunos vão abandonar os estudos para trabalhar.

Além disso, apenas 15% dos professores acreditam que eles vão terminar o ensino médio e encontrar um bom emprego. "Na verdade, essa visão replica o que acontece na sociedade. Essa falta de crença no aluno é a mesma falta de crença e de compreensão que cerca o jovem de forma geral", afirma a autora do estudo, Miriam Abramovay.

Para a educadora Guiomar Namó de Mello, a resposta dos professores não é simplesmente pessimista, mas está contaminada pelo que eles veem todos os dias na escola. "É uma atitude fatalista, mas com uma base muito clara na realidade que ele vê todos os dias. Talvez ele simplesmente não encontre saída na circunstância em que está."

A educadora alerta que essas posições podem levar a um círculo vicioso - "uma profecia que se autorrealiza". E uma outra pesquisa, divulgada em abril deste ano pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), pode ajudar a entender esse círculo. O levantamento mostra que o principal motivo da evasão escolar de adolescentes é a falta de interesse. Dos jovens de 15 a 17 anos que abandonaram a escola, 40,1% deixaram por desinteresse. O trabalho vem bem atrás - motivo para 27,1%.

Não é à toa que o ensino médio, atualmente, tem a maior taxa de evasão da educação básica - entre 2005 e 2007, 661 mil jovens deixaram de estudar. Entre 2004 e 2006, o número total de matriculados nas três séries caiu 2,9%, apesar de só 44% dos jovens de 15 a 17 anos, a idade correta, estarem matriculados.

PESSIMISMO - Apesar de ter sido realizada no Distrito Federal, a pesquisa da Ritla traz conclusões que se repetem em outros locais no País, destacam os pesquisadores. Especialmente nas periferias violentas das grandes metrópoles, onde drogas e crime fazem parte da rotina na sala de aula.

Em uma escola de ensino fundamental na área mais pobre de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, não é difícil encontrar exemplos da visão pessimista dos professores. Ao mesmo tempo em que uma das alunas mais problemáticas da escola, filha de alcoólatras, hoje é uma das monitoras, formanda em Educação Física, na semana passada um aluno foi preso por assalto à mão armada no dia em que seu pai saía da cadeia. "Temos muitos casos de sucesso, e quando acontece é bom demais. Mas muita gente abandona. É complicado. A gente não consegue ter uma expectativa muito positiva. Eu estou aqui por amor mesmo", conta uma das coordenadoras da escola, que prefere não se identificar.

A coordenadora relata que já viu desde alunos chegando para assistir as aulas sob o efeito de drogas até pais que entraram na sala de aula prontos a dar uma surra no filho na frente dos professores e de outras crianças. A diretora da mesma escola conta que não é raro professores chegarem na sua sala a ponto de desistirem. "Eu sempre digo para eles que precisam continuar, que é melhor essas crianças estarem aqui do que na rua. Mas a realidade é essa mesmo, nem todos vão concluir. O que consegue é um vencedor", diz a dirigente, que também preferiu não se identificar.

Há três anos, contam os professores, a mesma escola era completamente pichada, com móveis quebrados e ameaças e brigas constantes. Um trabalho interno mudou isso, mas não a realidade do lado de fora. "Não é uma situação animadora. É um abandono muito grande", diz a diretora.

Apesar das dificuldades, os alunos são muito mais positivos do que seus professores, revelou a pesquisa. Com o otimismo típico da juventude, mais de 70% acreditam que vão conseguir um bom trabalho. Também dizem que vão continuar estudando. "Na verdade, eles sabem que a escola é a única possibilidade de mobilidade social", afirma Miriam Abramovay.

OTIMISMO - Em uma outra escola, também em uma região muito pobre de Brazlândia, cidade-satélite a 50 quilômetros de Brasília, a reportagem encontrou estudantes de 14 e 15 anos certos de que serão policiais, advogados, médicos, biólogos. Ajudando a escola a plantar grama em um jardim, Lucas Henrique Santos, de 14 anos, 6ª série, quer se formar em biologia. "Sou muito chegado em plantas, animais. Tenho certeza de que vou ter uma vida melhor, ajudar minha mãe", disse. Os amigos Igor Pereira, de 13 anos, e Brenda Farias, de 14, da 6ª série, também fazem seus planos. Igor quer ser médico e Brenda, policial. AE